



Estratégias para o ensino de Jornalismo de Dados: a experiência da Universidade Federal de Goiás¹

Mariza FERNANDES²

Universidade Federal de Goiás - UFG

Este relato de experiência discute desafios e possibilidades para o ensino de Jornalismo de Dados (JD) ao longo de dois semestres da disciplina ofertada no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás (UFG). A partir da prática docente e de evidências coletadas nas aulas realizadas em 2024 e em 2025, propõe-se uma abordagem descritivo-analítica dos principais obstáculos e das estratégias adotadas para enfrentá-los, com foco em três eixos: (1) limitação de carga horária frente ao amplo escopo formativo do JD; (2) infraestrutura defasada; e (3) heterogeneidade de letramento digital das turmas. O objetivo é contribuir com pistas curriculares e didáticas para a consolidação do campo no ensino de Jornalismo.

O Jornalismo de Dados (JD) costuma ser definido pela interação entre três eixos: o conjunto de técnicas que o sustenta, os diferenciais em relação a outras vertentes e as competências exigidas do profissional. Para Coddington (2015), o JD é a convergência entre habilidades jornalísticas tradicionais e o grande alcance da informação digital quantificada, ou seja, uma combinação entre a cultura de dados abertos e os princípios profissionais do jornalismo. O autor situa o JD entre as três formas principais da “virada

¹ Relato de experiência apresentado no GP Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino, no Encontro Regional Norte e Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Norte e Centro-Oeste).

² Doutora em Geografia e professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás. Pesquisa temas como Jornalismo de Dados e Combate à Desinformação com perspectiva interseccional. E-mail: marizafernandes@ufg.br.



quantitativa do jornalismo”, juntamente com a Reportagem Assistida por Computador (CAR) e o Jornalismo Computacional.

Para qualificar o que pode ser considerado como Jornalismo *de* dados e distingui-lo do Jornalismo *com* dados, Vasconcellos e Mancini (2016) propõem uma matriz de três dimensões: Investigativa (extração/organização), Interpretativa (análise de relações) e Comunicativa (produção de visualizações), organizadas em cinco níveis, que vão das formas mais básicas às mais avançadas de se trabalhar com dados no Jornalismo. A categorização proposta por Vasconcellos e Mancini (2016) evidencia que a jornalista que pretende atuar nesse campo precisa ter domínio sobre algumas técnicas que não fazem parte do conjunto de saberes tradicionalmente priorizados na formação profissional.

À luz desse quadro, este relato considera JD como uma prática que integra apuração e narrativa orientadas por dados, análise explicativa e comunicação visual acessível e atraente, um conjunto que depende tanto de condições curriculares quanto de infraestrutura e percursos formativos progressivos. Para atuar de forma mais autônoma no contexto do JD, a profissional precisa ter noções de programação (ao menos em Python ou R), domínio de raspagem e limpeza de dados, estatística básica e conceitos de design aplicados à visualização de dados, além de uma boa compreensão sobre a Lei de Acesso à Informação (LAI).

Na Universidade Federal de Goiás, conforme previsto no Projeto Pedagógico do curso (PPC), a disciplina de Jornalismo de Dados é ofertada como “Jornalismo Especializado”, um componente curricular de ementa variável, que visa atender às demandas atuais da área. As disciplinas de Jornalismo Especializado são optativas e podem ser cursadas a partir do 3º período, com carga horária de 64 horas. O Plano de Ensino adotado a partir do segundo semestre de 2024 combina fundamentos, como introdução ao Jornalismo de



Dados, aos dados em si e à transparência (accountability); trilha de aprendizado (*no-code*, *low-code* e *code*): consultas a bancos de dados públicos; LAI e Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD); limpeza, análise e visualização em planilhas e com linguagem de programação; e produção de uma reportagem de JD como produto final, com equipe e papéis definidos (edição de texto, dados, visualização e publicação).

A avaliação é processual (pauta, atividades de fixação, orientações, versão preliminar e publicação), e as metodologias são ativas, com estudos de caso, orientação por projeto e feedbacks. O cronograma distribui marcos que combinam a apresentação dos conteúdos com as etapas de produção de uma reportagem de Jornalismo de Dados: planejamento e pauta da reportagem final; exercícios de Excel e Python (extração, limpeza e análise); visualização; reuniões de orientação e edição final da reportagem.

Diante da ampla gama de temas a serem abordados em um curto espaço de tempo, a solução adotada tem sido a apresentação dos conteúdos de forma introdutória, de modo que parte do desenvolvimento de competências migra para o estudo autônomo (leitura dirigida, tutoriais e prática assíncrona), o que amplia a variação de resultados entre estudantes e exige materiais de apoio mais estruturados. A estratégia de iniciar o planejamento da reportagem final no começo do semestre ajuda a direcionar a prática dos conteúdos ministrados em aula, uma vez que cada grupo aplica os conhecimentos adquiridos ao contexto de sua reportagem.

A vinculação das atividades avaliativas ao produto final também permite maior flexibilidade na escolha dos conjuntos de dados e das ferramentas a serem utilizadas pelos estudantes. Como estratégia para apresentar as inúmeras formas pelas quais jornalistas podem localizar e obter dados, esse conteúdo é apresentado juntamente com as noções de transparência pública e de Lei de Acesso à Informação (LAI), formando uma trilha que



vai da obtenção de dados por transparência ativa à transparência passiva, além da apresentação de plataformas públicas de dados.

Uma forma de vincular o tema à realidade dos estudantes, foi realizar uma oficina sobre transparência pública com um servidor técnico-administrativo do Serviço de Informação ao Cidadão da UFG, que explicou o percurso do pedido de informação feito à universidade via LAI e apresentou os mecanismos de transparência adotados pela instituição. Como resultado dessa experiência, dois grupos produziram reportagens utilizando dados da UFG no segundo semestre de 2024. Um dos trabalhos comparou os preços do Restaurante Universitário com os de outras instituições federais da região Centro-Oeste³. O outro, analisou o perfil racial dos estudantes da UFG e verificou que o número de estudantes negros na UFG aumentou 10% para 53% em 14 anos⁴, como resultado das políticas de ação afirmativa. Em parceria com a Secretaria de Comunicação da universidade, as produções foram publicadas no site institucional, o que ajudou a motivar a turma a aprofundar os conhecimentos sobre as técnicas de JD. As reportagens utilizaram dados obtidos via LAI e Portal de Dados Abertos da UFG.

As práticas computacionais foram marcadas por problemas como os diferentes níveis de letramento digital entre os estudantes e a precariedade dos equipamentos disponíveis no laboratório de redação do curso. Foi necessário realizar nivelamento da turma para uso de ferramentas como Google Sheets, por meio da apresentação de conceitos como a estrutura de planilhas, formato de arquivos, e importação e manipulações básicas e

³ Restaurante Universitário da UFG está entre os mais acessíveis da região Centro-Oeste. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/188264-restaurante-universitario-da-ufg-esta-entre-os-mais-acessiveis-da-regiao-centro-oeste> Acesso em 10 out. 2025.

⁴ Número de estudantes negros na UFG salta de 10% para 53% em 14 anos. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/189116-numero-de-estudantes-negros-na-ufg-salta-de-10-para-53-em-14-anos>. Acesso em 10 out. 2025.



intermediárias; com destaque para as principais aplicações no cotidiano dos jornalistas de dados, como planilhas dinâmicas e função PROCX ou XLOOKUP.

A linguagem de programação escolhida para introdução na disciplina foi o Python, por ser uma linguagem acessível, de fácil aprendizado e com forte potencial para estudo autônomo e para uso em outras atividades. O conteúdo de programação foi distribuído em duas aulas, sendo a primeira voltada para a apresentação da sintaxe básica e de conceitos como variáveis e métodos; e a segunda voltada para operações de limpeza e análises utilizando conjuntos de dados sobre emendas parlamentares estaduais disponíveis no Portal de Dados Abertos de Goiás. Mesmo com pouca experiência prévia dos estudantes com programação, a prática simultânea na plataforma Google Colab aumentou a interação e o engajamento.

Ferramentas online (Google Sheets, Colab e Flourish) ajudaram a contornar os problemas de defasagem e sucateamento dos equipamentos do laboratório, embora alguns alunos tenham precisado levar seus próprios notebooks pela falta de máquinas. A infraestrutura irregular gerou atrasos, mas não impediu as atividades e serviu para mostrar como a Inteligência Artificial (IA) pode apoiar a resolução de problemas, desde que o estudante saiba elaborar bons *prompts* e avaliar criticamente as respostas.

Considerações Finais

A experiência tem mostrado que é possível avançar no ensino de Jornalismo de Dados, mesmo diante de limites estruturais, desde que haja desenho didático intencional (trilha introdutória, orientação por projeto e avaliação processual), apoio em ferramentas online e mediação ativa para lidar com letramentos heterogêneos. Os resultados apontam a necessidade de ajustes curriculares, especialmente em relação à carga horária, e de políticas institucionais para qualificar a infraestrutura. A articulação com a comunidade



universitária e a publicação dos produtos finais são importantes para engajar a turma e promover a solução de problemas que podem ocorrer no percurso de produção de uma reportagem de Jornalismo de Dados, inclusive com uso crítico de IA como apoio ao trabalho com dados.

REFERÊNCIAS

CODDINGTON, Mark. Clarifying Journalism's Quantitative Turn: A typology for evaluating data journalism, computational journalism and computer-assisted reporting. *Digital Journalism*, v. 3, n. 3, p. 331-348, nov. 2014. DOI: 10.1080/21670811.2014.976400. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2014.976400>>. Acesso em: 17 ago. 2025.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fábio. Jornalismo de Dados: conceito e categorias. *Revista Fronteiras—estudos midiáticos*, v. 18, n. 1, p. 69-82, 2016.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 15 ago. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 10 out. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG). FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (FIC). Projeto Pedagógico do Curso – Jornalismo (Bacharelado). Goiânia: UFG, dez. 2015. Reformulações em 2017 e 2019. 66 f.